

DEPOIMENTO

Arthur Barthelmess*

Sr. Presidente da mesa e organizador deste Seminário, prezados palestrantes e depoentes que compõem a mesa.

Meu Loureiro Fernandes, aquele que entrou na minha vida é sem dúvida a mesma poderosa personalidade sobre cuja vida e obra aqui depuseram e ainda deporão, com autoridade maior que a minha, os mais expositores deste importante Seminário que tiveram com o mestre cooperação profissional mais específica e, se mesmo assim me arvorou a falar-vos é porque tenho a audácia de supor que apesar de tudo tenho algum depoimento peculiar a dar que não gostaria de ver perdido.

O Loureiro Fernandes que entrou na minha vida foi a notável figura a cujo poderoso empenho pessoal, discreto mas decisivo, devemos o fato de não ter sucumbido no nascedouro a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, de cujo ulterior desdobramento resultou entre outros o atual Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Ocorreu da seguinte maneira: em meus verdes anos assisti pelo rádio o Golpe de Estado de 11 de novembro de 1937. Getúlio Vargas, “apoiado (entre aspas) na parte sã da Nação brasileira” dissolveu de uma só penada a Câmara e o Senado, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais de todo o País, destituindo também de plano todos os governadores e prefeitos o que substituiu por interventores federais e por prefeitos nomeados por ditos interventores.

A sorte do Estado do Paraná foi uma das mais brandas porquanto o interventor federal que nos foi designado outro não era senão o próprio governador destituído.

De tudo sobrou para nós na prática um prédio vazio, o da Assembléia Legislativa da rua Barão do Rio Branco, esquina com Visconde de Guarapuava, o mesmo onde em 19 de dezembro de 1912 se havia fundado a Universidade do Paraná e onde hoje funciona a Câmara Municipal de Curitiba. Que fazer do histórico prédio?

Vivia então entre nós Carlos de Paula Soares, um vibrante

* Professor Doutor em Físico-Química aposentado pela UFPR.

plantador de escolas cujo nome figura em bronze no saguão do Edifício onde se realiza o presente Seminário. Carlos de Paula Soares conseguiu naquele momento contagiar com seu entusiasmo o secretário estadual Omar Gonçalves da Mota que, por sua vez, teve força e talento para obter a aquiescência do todo poderoso interventor para fundar de imediato no prédio vazio uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nos moldes do modelo trazido da Europa pelo ministro da Educação Gustavo Capanema, modelo a essa altura já adotado no Rio de Janeiro pela Universidade do Brasil e em São Paulo pela USP.

As aulas começaram em Curitiba em março de 1938, mas já durante as férias do final de 1939 virou a maré da política: os arquivos com nossos históricos escolares foram arrebatados pelos bombeiros e lançados no meio da rua ao Deus dará. Apiedou-se deles o professor Homero de Melo Braga, outro nome da nossa placa de bronze, o qual carregou tudo para seu consultório médico no Edifício Sulamérica, na rua Quinze de Novembro.

Foi nesse momento em que tudo parecia perdido, que entrou em cena o nosso gigante, o herói deste Seminário, o professor José Loureiro Fernandes. Empenhando seu notório prestígio e notável talento, Loureiro Fernandes realizou um silencioso mas eficaz trabalho de articulação, coordenação e negociação do qual resultou que a instituição órfã e deserdada encontrasse rapidamente uma nova prestigiosa entidade mantenedora que assegurou sem solução de continuidade, o prosseguimento normal dos cursos. Salvando da extinção a Faculdade de Filosofia, salvaguardou Loureiro o pré-requisito que alguns anos depois tornaria viável a restauração da Universidade do Paraná, entrementes desarticulada pela legislação superveniente. Para tanto a benemérita entidade mantenedora abriu mão da tutela sobre a Faculdade permitindo que esta se incorporasse à Universidade em processo de restauração e ulterior federalização.

Resultou ainda indiretamente dessa intervenção loureiriana o nascimento de segunda Faculdade de Filosofia em Curitiba. Transferida que foi o funcionamento da nossa, primeiro para a sede das Ciências Econômicas da rua Doutor Faivre e, em seguida para este prédio da rua General Carneiro em que o presente Seminário ora se realiza, vagaram as instalações em que havíamos funcionado. A entidade mantenedora aproveitou as instalações tornadas ociosas e nelas instaurou de imediato a sua própria Faculdade, a Faculdade Católica de Filosofia que veio a tornar-se *celula mater* e núcleo de agregação da hoje poderosa Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

O mesmo meu Loureiro surpreendeu-me segunda vez alguns anos depois em meus próprios pagos, em pleno Vale do Ivaí quando

em sua qualidade de presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense organizou e fez acontecer com pompa e circunstância na minha mínima vila de Teresa Cristina, onde nasci, a comemoração do Centenário da epopéia colonizadora do Doutor Jean Maurice Faivre, médico da Imperatriz Dona Thereza Christina, Fundador da Academia Imperial de Medicina, Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa e acima de tudo idealista e Amigo da Humanidade, que partiu do porto de Antuérpia no dia de natal do ano de 1846 com um séquito de cidadãos franceses e belgas, para implantar nestes ermos, a sua sonhada Therèseville, sonhada para ser o germe de um recomeçar da História em bases mais livres e fraternas.

Loureiro Fernandes conseguiu localizar na cova rasa os restos do fundador e transferiu-os solenemente para a herma onde hoje se encontram, erigida de toscos seixos de pederneira rolados pelo rio e heraldizada pela placa de bronze que contém o texto do elogio fúnebre proferido em 1858 em memória a Faivre perante a Academia Imperial de Medicina pelo Barão de São Felix.

O texto integral dos dizeres da placa encontram-se neste livro que eu também trouxe e que eu terei o prazer de passar para o prof. Igor que pode incorporá-lo ao patrimônio bibliográfico do CEPA.**

Esse é, senhoras, senhores, o José Loureiro Fernandes que conheci, poderoso em atos, feitos e fatos e que hoje integra os alicerces sobre que repousa a cultura acadêmica paranaense.

Disto dou, perante vós, este meu testemunho.

** Texto da placa mencionada:

João Mauricio Faivre
4 de Setembro de 1795 30 de Agosto de 1858
Combe-Raillard Colonia
(Jura) França Tereza Cristina

Aristoppo. Diz a história, recommendara aos seus amigos que o sepultassem debaixo de uma árvore e junto a certa fonte porque a sombra d'aquella e a frescura d'esta o tinham muitas vezes comprazido...

Semelhantemente lá está o corpo do Dr. Faivre coberto pela gleba dessa colonia que elle denominara Thereza em respeito e gratidão para com a augusta actual Imperatriz do Brazil que sempre o recebera com bondade e lhe prodigalisara auxilio.

Protege-o a impenetravel coma d'essas florestas seculares que elle tanto amou. E as águas sonoras do Ivahy docemente serpejando por perto d'elle lhe sussurão de continuo: amigo da humanidade... Até que um dia na lapide frontal do último asilo de seus restos se esculpira: Apostolo, Ensaaiador e Martyr da humanidade. (BARTHELMESS, Arthur. **Ivahy: saga e lenda, vida e lida**. Curitiba: Kingraf. p. 26. 1993).

PROF. IGOR: O Senhor poderia falar algo sobre a descoberta do sítio arqueológico Estirão Comprido no vale do rio Ivaí?

PROF. ARTHUR: Antes de tudo uma ressalva se faz necessária perante este Seminário de profissionais: não sou antropólogo. Sou, por nascimento, vizinho dos índios Kaingáng do vale do rio Ivaí; eles passavam em nossa casa, não lhes entendia a língua nem eles a nossa mas havia de minha parte extraordinário interesse por eles, enorme curiosidade e grande simpatia porque os que vinham nos ver eram sempre bastante pacíficos.

Todos lá tínhamos notícia de que no sítio do morador por nome Celarius situado no Estirão Comprido, longe de onde os índios de nosso tempo moravam, existia o que seria um cemitério de antigos índios. Índio para mim naquele tempo significava Kaingáng.

Anos mais tarde, na década de 1950, estando eu lotado em Curitiba no Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura do Estado, em conversa com o professor Oldemar Blasi lotado no mesmo Departamento e, com o lingüista professor Aryon Dall'Igna Rodrigues que nos fazia visita, resolvemos obter a palavra de um mestre consagrado sobre o que seria aquilo tudo.

Redigimos então, os três, um pequeno Memorial dirigido ao professor José Loureiro Fernandes, que tomou o maior interesse e organizou uma expedição ao local. E lá fomos nós Ivaí abaixo.

Constatou-se que se tratava de um sítio arqueológico contendo amplo depósito de terra preta de formato lenticular, correspondente a um local onde os índios tinham se estabelecido e, eventualmente, também sepultado seus mortos. Colheu-se material lítico e fragmentos de cerâmica. Havia em meio à terra preta muitas conchas de moluscos fluviais, ossos de animais silvestres e espinhas de peixe e encontrou-se um fêmur humano, tudo mais tarde devidamente estudado por quem de direito.

Surpresa para mim: o sítio, embora situado em plena região ocupada desde época historicamente imemorial pelos Kaingáng, pertenceria a uma tradição Guarani, o que os especialistas deduziram das peças líticas e notadamente dos fragmentos de cerâmica, algumas vezes engobada. Sendo Guarani, entretanto, de época anterior ao contato com os jesuítas, já que os artefatos dos sítios ulteriores costumam apresentar influência da arte ibérica.

A antigüidade do sítio foi corroborada pela identificação de um achado ósseo, identificado como pertencente a um mamífero de uma espécie afim da atual cotia, mas dada como extinta no País há mais de trezentos anos.

Depois disto eu soube que outras expedições se fizeram. Oldemar Blasi esteve lá com Fernando Altenfelder Silva, de São Paulo, e, em outra ocasião, com um pesquisador americano e soube também que, em anos recentes, a brilhante juventude pesquisadora de nossa Universidade também se ocupa do sítio arqueológico do Estirão Comprido.***

Ao que estou informado o local se acha razoavelmente preservado, disponível para novas pesquisas, não minhas, é claro, pois como adverti desde o princípio, não sou do ramo.

PROF. IGOR: Agradeço as informações. Existe, no arquivo do CEPA, uma fotografia do Estirão Comprido datada de 1951. É uma foto histórica porque documenta uma das primeiras pesquisas arqueológicas feitas no planalto paranaense. Mostra um corte-estratigráfico e algumas pessoas. Entre elas, identificamos os professores José Loureiro Fernandes, Aryon Dall'Igna Rodrigues e Oldemar Blasi, além do taxidermista André Meyer. As outras não são conhecidas.

PROF. ARTHUR: Uma das pessoas pode ser meu pai Eugênio Theodoro Barthelmess, entre os demais podem estar os dois canoeiros que nos conduziram e quem sabe Celarius, morador do lugar. Ah! outra pessoa que pode estar na foto é o professor Felipe de Souza Miranda Júnior, na ocasião diretor da Associação de Ensino Novo Ateneu. Também me lembro de ter meu pai conversado durante a viagem de canoa com o antropólogo sertanista Vladimír Kozák, possível autor da fotografia.

*** Sobre o sítio do Estirão Comprido, cronologicamente, foram publicados:

BARTHELMESS, Arthur W. Subsídios geográficos para o estudo paleontológico do rio Ivaí. **Boletim da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná**, Curitiba, v. 3, n. 11, p. 113-121. 1953.

SILVA, Fernando Altenfelder e BLASI, Oldemar. Escavações preliminares em Estirão Comprido. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31, São Paulo, 1954. **Anais**. São Paulo: Editora: Anhembi, 1955, 2v, v. 2, p. 829-845.

FERNANDES, José Loureiro e BLASI, Oldemar. As jazidas arqueológicas do Planalto Paranaense. Nota prévia sobre a jazida do Estirão Comprido. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 4, n. 3-4, p. 67-80, 1956. (Uma Nota prévia sobre o sítio Estirão Comprido foi apresentada, pelos mesmos autores, durante o 3º Congresso Regional de História e Geografia do Paraná, em Curitiba, no mês de dezembro de 1953).

SILVA, Fernando Altenfelder. Contribuição para a arqueologia de Estirão Comprido. IN: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 3, Recife, 1958. **Anais**. Recife: Associação Brasileira de Antropologia, 1959, p. 113-118.

BLASI, Oldemar. O sítio arqueológico de Estirão Comprido, rio Ivaí, Paraná. Estudos Complementares. **Arquivos do Museu Paranaense**. Série Arqueologia. Curitiba, n. 3, p. 1-60, 1967 (N. do Ed.).

Havia uma dezena de pessoas no local. A vanguarda desceu o rio Ivaí em duas canoas embarcando no porto da balsa existente na foz do afluente Areião, transpôs uma corredeira e chegou ao destino ao entardecer. Acampamos no alto da barranca entre o porto do morador e a casa deste, onde armamos nossas duas barracas, acendemos fogo e içamos a bandeira nacional; eu havia sido chefe escoteiro em Curitiba na década de 1940 e o professor Miranda era Tenente R2, tendo servido durante a Guerra no Batalhão da cidade da Lapa. Os canoeiros armaram rede de espera que ficou no rio durante a noite.

O professor Loureiro chegou na manhã do dia seguinte por terra com mais algumas pessoas, inclusive o taxidermista e um filho deste, e logo se pôs a organizar a coleta de algum material superficial e uma escavação estratigráfica pioneira. Após o almoço todos partiram voltando por onde vieram.

Eu teria coragem de tentar reconhecer, após este mais de meio século decorrido algumas pessoas na fotografia.

PROF. IGOR: Isso é muito importante porque no ano de 2006 estaremos comemorando o Cinquentenário do CEPA. Para isto, pretendemos elaborar uma História da Arqueologia no Paraná. O sítio do Estirão Comprido é um marco nas pesquisas, embora estas tenham transcorrido um pouco antes, junto à Seção de Arqueologia do Instituto de Pesquisas, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A sua contribuição é valiosa.

PROF. ARTHUR: Muito obrigado.